



Data: 26.12.2025

Título: Egiptólogos de Lisboa estudam civilização copta no Nilo

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;16

Egiptólogos de
Lisboa estudam
civilização
copta no Nilo **P16**

Área: 549cm² / 20%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8254855



Data: 26.12.2025

Título: Egiptólogos de Lisboa estudam civilização copta no Nilo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;16



CULTURA

CHRISTIANA MARTINS



As ruínas de Akoris, 250 quilómetros a sul do Cairo, ainda são sagradas para os egípcios

Portugueses estudam civilização copta nas margens do Nilo

Primeira missão arqueológica da Universidade de Lisboa no Egito centra-se sobre as ruínas de Akoris

Na Akoris do século XXI, na margem direita do Nilo, ainda há mulheres que sobem a colina até à capela de Imhotep, escavada na montanha, para pedir fertilidade aos antigos deuses egípcios. Foi ali, a cerca de 250 quilómetros a sul do Cairo, que até 20 de dezembro dois arqueólogos portugueses participaram numa missão inédita da Universidade de Lisboa.

Assim que o sol se erguia, subiam um carreiro em Tahna el-Guebel, uma pequena aldeia coabitada há centenas de anos por cristãos e muçulmanos, até à antiga Akoris. Mas, como explica Rogério Sousa, diretor da missão, “não há distinção entre as aldeias. A casa do inspetorado está entre um mundo e o outro: uma parte do pátio dá para o bairro cristão, sobre a planície verdejante, e a outra abre-se para as ruínas, sobre o planalto desértico, majestoso e sagrado”.

“No alto do planalto, as casas construídas em adobe formaram uma plataforma compacta, que se distingue do deserto pela cor avermelhada.” As ruínas que a equipa portuguesa atravessava constituíam a parte mais recente deste assentamento milenar. E por trás dos muros de cinco metros de altura, partilha Rogério de Sousa, via-se “uma grandiosa aldeia copta, onde o cristianismo se enraizou de modo tão profundo que nem a islamização da população egípcia no século VII viria a erradicar”.

Área: 549cm² / 20%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8254855

FOTO D.R.



Data: 26.12.2025

Título: Egiptólogos de Lisboa estudam civilização copta no Nilo

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;16



Além de Rogério Sousa, Catarina Viegas, especializada em arqueologia romana, também fez parte da missão. E em conjunto com dois colegas egípcios, da Universidade de Minia — a que se somam mais de 20 consultores especializados no estudo de vestígios humanos e animais, cerâmica, madeira, geoarqueologia —, os dois portugueses documentaram a necrópole de Akoris e o templo romano de Serápis.

“A atribuição de concessões de escavação a missões estrangeiras tem vindo a tornar-se cada vez mais seletiva, sobretudo para missões oriundas de países com uma incipiente participação na arqueologia egípcia, como tem sido o caso de Portugal, e esta missão só foi possível devido a um trabalho que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desenvolveu nos últimos dez anos em museus egípcios”, explica o egiptólogo, sublinhando que “a missão portuguesa teve a

rara oportunidade de poder estudar uma comunidade

A atribuição de concessões de escavação a missões estrangeiras é cada vez mais seletiva

antiga, combinando os dados da cidade com os da necrópole”. A coordenação da missão coube ao Centro de História e ao Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e o financiamento foi assegurado pela Associação para o Desenvolvimento da Faculdade de Letras.

Akoris de muitas formas

A cidade de Akoris foi povoada pelo menos desde o Império Antigo (III milénio a.C.), tendo conquistado importância no I milénio a.C., quando se tornou estratégica como ligação às pedreiras imperiais do deserto oriental. É nessa

fase que “se monumentaliza com um traçado urbano clássico, onde convivem templos romanos e egípcios e parece ter florescido uma cultura única”, segundo explica Rogério Sousa.

O período copta é, contudo, o que mais interessa à missão. Os coptas são cristãos e representam 10% dos 118 milhões de habitantes que constituem a população atual do Egito, país maioritariamente muçulmano. “A Akoris copta floresceu entre os séculos IV e VII, uma época de transformação urbana, em que os grandes espaços imperiais começaram a ser ocupados por uma imensa variedade de oficinas e habitações”, vinca o egiptólogo, acrescentando que “a invasão árabe no século VII coincidiu com a alteração do curso do Nilo, que se afastou da cidade, levando a população e permitindo a preservação de Akoris”.

A escolha do local foi feita há cinco anos. “Akoris pareceu uma boa opção, porque é

um vasto sítio arqueológico, enquadrado por uma paisagem deslumbrante, com estruturas de dimensões consideráveis, mas muito ameaçadas. E surpreendentemente pouco conhecido.” O objetivo foi, sobretudo, estudar e preservar as estruturas da necrópole e do templo de Serápis e “a forma como o sítio se adaptou às dinâmicas religiosas, económicas e políticas que transformaram a bacia do Mediterrâneo”. Finda a missão, os próximos passos deverão passar pela abordagem articulada dos estratos romanos e coptas, estabelecendo paralelos da ocupação romana do vale do Nilo com a arqueologia romana do Extremo Ocidente peninsular, “colocando pela primeira vez em contacto as periferias do Mediterrâneo”. O trabalho da missão “dará um importante contributo para divulgar o sítio de Akoris, preparando-o para ser aberto ao público”, conclui Rogério Sousa.

camartins@expresso.imprensa.pt

Área: 549cm² / 20%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8254855